

Educação patrimonial, memória e saberes coletivos¹

*Luciane Monteiro Oliveira**; *Ana Paula de Paula Loures de Oliveira***

Resumo

Neste artigo pretendemos demonstrar os fundamentos teóricos e metodológicos das ações de educação patrimonial realizadas nas escolas públicas do ensino fundamental da comunidade rural de São João Nepomuceno, Zona da Mata do Estado de Minas Gerais. Nossa proposta teve como meta envolver a comunidade local no desenvolvimento das pesquisas de modo a se identificarem com o patrimônio e o valorizassem como um bem de toda a coletividade. Duas abordagens foram essenciais: 1) prática educativa com a realização de oficinas e 2) pesquisa oral para rememoração dos saberes tradicionais locais. Nossa intenção em todo o processo foi a apreensão do conhecimento por meio da experiência estética e das sensações vivenciadas pela experiência. Conceitos como tecnologia, autonomia, diversidade, memória, coletividade e patrimônio foram trabalhados de modo subliminar às experiências e não colocados como o ponto de partida para a execução das atividades.

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido pela equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora – MAEA/UFJF, apoiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e pela Prefeitura Municipal de São João Nepomuceno, gestão 2000-2004.

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Pesquisadora do MAEA/UFJF.

** Coordenadora do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, Faculdade de Engenharia – Departamento de Transportes, Campus Universitário, Juiz de Fora – MG. CEP: 36036-330. www.maea.ufjf.br, apaula@pesquisador.cnpq.br

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Memória, Saberes Coletivos.

Abstract

In this article we intent to demonstrate theoretical and methodological bases of the actions of Patrimonial Education. These actions were realized in public schools of basic education in the rural communities of São João Nepomuceno at the Zona da Mata in the state of Minas Gerais. Our objective was to involve the local community in the development of researches in order to be identified with the patrimony and valorize it as a collective property. Two approaches were essential: 1) educational practice with accomplishment of workshops and 2) oral research to remember the traditional local knowledge. Our intention in the process was the apprehension of the knowledge by the aesthetic experience and the sensations lived with the experience. Concepts like technology, autonomy, diversity, memory, collective and patrimony were worked in a subliminal way and not placed as the starting point for doing the activities.

Keywords: Patrimonial Education, Memory, Collective Knowledge

Introdução

A Educação Patrimonial exercida no Brasil tem, historicamente, uma metodologia de ação que pretende a apreensão de conceitos e valores pré-estabelecidos por órgãos e instituições governamentais. Esse aspecto, apesar das intenções de conscientização, expressa o desejo de uma determinada classe social que adota práticas educativas pouco eficientes no alcance dos resultados almejados. Em boa medida, tais exercí-

os estão fundamentados em procedimentos educativos behavioristas sintetizados na lógica de estímulo-resposta. Ou seja, na intenção de se pautar no racionalismo cartesiano de objetividade norteada pela causalidade, tais posições acabam se distanciando da realidade cotidiana de grande parte da população brasileira que possui múltiplas formas de pensar e interagir com o mundo.

Mediante esta situação, apresentamos uma ação alternativa de mediação pedagógica, cujos fundamentos teóricos e metodológicos se baseiam na fenomenologia postulada por Merleau-Ponty (1999) e Bachelard (1989) e na educação de sensibilidade elaborada por Ferreira Santos (1997 e 2003)². A referida ação foi aplicada na comunidade do município de São João Nepomuceno, Minas Gerais, pela equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, através das ações do Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira³.

O objetivo foi sensibilizar alunos e educadores, por meio do desempenho educativo, sobre a importância da preservação do patrimônio. A noção de patrimônio empregada na atividade é concebida como todo modo de representação da coletividade humana. Esta definição abrange o patrimônio material e, principalmente o patrimônio subjetivo contido na memória, tradições culturais e identidades. O propósito é a compreensão dos conceitos como tecnologia, autonomia, diversidade, memória, coletividade e patrimônio, a partir de uma vinculação afetiva e identificatória entre o sujeito e o conhecimento. Enfim uma educação de sensibilidade que propõe uma inclusão no mundo social vivente e que favoreça uma relação dialógica com diferentes interlocutores. A construção do conhecimento ocorre a partir da experientiação com os

² No sentido filosófico de estudo das essências para a compreensão do homem e do mundo, a fenomenologia parte do mundo vivido do ser, no espaço e tempo, numa percepção de si próprio, como ser no mundo, para o mundo e com as coisas do mundo.

³ Cf.: Loures de Oliveira & Monteiro Oliveira, 2001b.

fenômenos da criação⁴, pois fazem emergir a sensibilidade.

Nesta perspectiva, a mediação pedagógica é um momento catártico de significação, na medida em que a criação é percebida como a imaginação em seu sentido mais amplo. A noção de imaginação que orienta o trabalho é a proposta pela fenomenologia das imagens preconizada por Bachelard (1989). Tal proposição faz uma distinção entre imaginação formal e imaginação material. A primeira está inscrita no vício da ocularidade em que o pensar é sempre entendido como uma extensão óptica. Já a imaginação material permite uma autonomia do processo de criação. É a faculdade de formar imagens que transpõem a realidade.

Nos mecanismos de criação artística as vicissitudes da relação entre o símbolo e a imagem se arranjam a partir das sensações. O movente ativo do ato criador é a formulação plástica de um sentimento, de uma sensação física ou de uma necessidade latente. A imagem se inscreve no corpo e é sua própria escritura, uma vez que a imaginação material é o efeito da ação do corpo com a matéria.

O corpo é o veículo do ser no mundo⁵ e é a partir dele que os seres são constituídos de afetividade em interação permanente. O indivíduo na relação com a matéria subscreve uma integração de ser todo no particular, para poder apreender uma fração que está presente na totalidade do mundo ou na relação de alteridade. Em suma, a pedagogia postulada por nós é a da imaginação suscitada numa perspectiva estética em que a imagem é con-

templada como um fato concreto, que compõe uma imagética e uma linguagem.

A partir desse suporte teórico pensamos a metodologia para a concretização dos objetivos propostos. Para a sensibilização de uma comunidade, entendemos que o perfil do público que poderia oferecer um efeito multiplicador seria o de crianças e adolescentes, alunos de Ensino Fundamental das Escolas Públicas. Vários são os motivos pelos quais optamos por trabalhar com esse público, mas fundamentalmente, a escolha recaiu sob as possibilidades de criar um elo afetivo entre essas crianças e o contexto em que vivem - zona rural e periferia da cidade, sendo a grande maioria descendente de negros e caboclos, historicamente excluídos do processo de construção do conhecimento.

Assim, a partir da parceria estabelecida entre a equipe do MAEA/UFJF⁶ e gestores públicos do Município de São João Nepomuceno, ficou acordado que seriam atendidas aproximadamente 300 crianças na faixa etária entre 10 a 12 anos. A opção por essa idade está no fato de que eles estão num período de efervescência de interação e descobertas com e no mundo vivido.

Estratégias pedagógicas

Os procedimentos metodológicos que empregamos são as oficinas de expressão tecnológica a partir da manipulação da argila para a confecção de artefatos de cerâmica. Numa primeira experiência⁷ observamos a boa receptividade e interação da iniciativa edu-

⁴ Os fenômenos da criação são a *poiésis* (criação), *aesthesis* (apreciação/experiência estética) e *catharsis* (momento de transformação de afetos) Ferreira Santos (1997).

⁵ Cf.: Merleau-Ponty (1999).

⁶ Equipe coordenada pela Prof^a Dr^a Ana Paula de Paula Loures de Oliveira e que conta atualmente com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento como Arqueologia, Antropologia, Engenharia, História, Educação, Biologia e Geologia, bolsistas de Iniciação Científica da FAPEMIG e bolsistas da própria UFJF, que atuaram como monitores nas ações pedagógicas, coordenados pelas autoras desse texto.

⁷ Cf.: Loures Oliveira; Monteiro Oliveira (2001a).

cativa e reestruturamos para ampliar as ações do empreendimento. Compreendemos que a nossa ação também possui uma dinâmica guiada pela relação que estabelecemos com a comunidade. Salientamos mais uma vez, que os conceitos que pretendemos trabalhar serão apreendidos a partir de uma experimentação estética, em que a criança poderá manifestar seus sentimentos na elaboração de imagens percebidas no mundo em que vive. Desse modo, pensamos as oficinas a serem trabalhadas com os alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Básico, em quatro módulos, a saber: 1º Módulo - História local e Entrevistas; 2º Módulo - Manipulação da argila; 3º Módulo - Queima da cerâmica; 4º Módulo - Noção de Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural.

1º Módulo: história local e entrevistas



Escola Municipal Três Marias – CAIC, 2004

No primeiro módulo, realizado em sala de aula, foi feito um exercício de reflexão sobre a história local. Na interação com os alunos observamos que ainda prevalece o ensino oficial e o discurso da elite dominante, conhecimento notadamente distante do universo em que vivem. Com o intuito de oferecer outra perspectiva que possibilita a desconstrução de verdades absolutas e

afirmações globais e generalizadas, apresentamos os dados arqueológicos, históricos e etnográficos, fruto de pesquisas desenvolvidas na região. Nesse processo, o aluno foi incumbido de realizar uma pequena pesquisa por meio de entrevistas aos membros mais velhos da família ou amigos e vizinhos afins.

As entrevistas tinham como finalidade suscitar a memória coletiva e os saberes tradicionais locais. O perfil dos entrevistados foi de idosos moradores da zona rural, sendo a grande maioria, composta por descendentes de índios e negros. Nesse processo ocorreu uma rememoração por meio da oralidade, pois as representações coletivas e o passado desses indivíduos estão inscritos na tradição oral.

Entendemos por tradição oral, o testemunho transmitido de uma geração a outra, em que os fenômenos e os eventos da vida cotidiana são explicados e justificados na narrativa. Essa narrativa é um ato de comunicação, no qual a palavra representa um valor vital nas relações humanas, fundamentalmente por ser um mecanismo de preservação e sabedoria dos seus antepassados. Rememorar é colocar o mundo em ordem e a partir de então se situar nesse universo.

O que ocorreu foi uma identificação com o demonstrado em sala de aula e o evidenciado nas entrevistas. Os alunos perceberam que a História local teve participação capital daqueles que até então eram desvalorizados ou esquecidos no contexto social. Mais do que absorver a História oficial era a própria História que estava sendo construída pela coletividade, principalmente se for levado em consideração a representação de seus ancestrais indígenas e negros no contexto historiográfico.

A imagem dos negros e indígenas foi subjugada à medida que estes povos foram dizimados, dominados ou incor-

porados à sociedade brasileira. A coletividade prescinde de uma representação constante do seu passado e no caso brasileiro esta foi sempre forjada para a valorização do colonizador, desconsiderando a contribuição do indígena e dos negros.

Em contraponto a essa representação desponta a memória coletiva, considerada como patrimônio regional uma vez que oferece um corpus de informações sobre o passado, contribuindo sobremaneira para as pesquisas históricas e arqueológicas.

O reconhecimento de uma tradição cultural e suas formas de transmissão está associado à continuidade de uma representação da História, tanto das idéias quanto dos acontecimentos, bem como às preocupações políticas. Em boa medida, podemos afirmar que os grupos sociais têm em suas representações coletivas, seu passado inscrito na tradição, por meio do qual este é explicado e justificado. Esta é a razão da existência da tradição, do contrário ela deixaria de existir.

A freqüência com que a tradição é transmitida se constitui em um fator indicador de fidelidade em sua comunicação. Muitas vezes essa freqüência está associada também à valoração do que se quer transmitir. A transmissão de conhecimentos e eventos está conjugada ao *ethos* do grupo social. Quando há uma negação ou uma desvalorização social de grupos étnicos, muitas vezes ocorre uma ruptura ou dissolução na transmissão. Os estímulos que os indivíduos recebem são fundamentais para a evocação do passado e ativação de vivências.

O processo de identificação com o patrimônio conduziu a uma inserção no mundo em que vivem. E isso é capital numa proposta de educação que pretende a sensibilização para uma transformação.

2º Módulo: manipulação da argila



Escola Municipal Três Marias – CAIC, 2004

Nesse segundo módulo passamos para a experimentação estética do indivíduo na sua relação com a materialidade, momento em que ocorre uma manifestação da livre expressão. Em nosso entendimento, o que permeia o mundo material está ligado ao mundo criador.

Em um espaço maior e aberto, as crianças efetuaram a atividade de manipulação da argila. Inicialmente, solicitamos a elas um projeto do que pretendiam criar. Esse foi o primeiro nível de criação-ideação. A criança projeta uma imagem com as formas dadas a partir do repertório estético, subjacente à sua relação no mundo mediada pelo corpo. A imagem a partir deste enfoque é portadora de um sentido próprio.

Posteriormente, com a matéria-prima em mãos as crianças deram início à confecção de sua obra, visando o alcance da intenção projetada. Como a nossa finalidade está voltada para a questão da herança cultural legada pelos povos indígenas, antigos habitantes da região, privilegiamos a orientação de fabricação da técnica do acordelamento.

Todavia, durante a manipulação da argila, muitas crianças, no enfrentamen-

to de resistência da matéria para dar a forma concebida e imaginada⁸, buscaram outras técnicas na qualidade de recursos alternativos, como por exemplo, a técnica do bloco. Essa iniciativa foi acompanhada pelo monitor que teceu explicações prévias sobre as técnicas e significado progressivo da cerâmica para toda a humanidade. Durante o trabalho foi feita uma descrição detalhada de como os povos indígenas produzem a cerâmica, quais os instrumentos que empregam e que recursos utilizam nesse processo.

Um número razoável de crianças procurou as fontes de argila existentes próximas aos locais onde vivem e levaram uma amostra para poderem trabalhar. Fizemos uma pequena demonstração das dificuldades dessa arte, tais como a necessidade de um método para limpeza das impurezas e de expedientes para conferir plasticidade à matéria. Ressaltamos que a tecnologia confere uma habilidade e conhecimento prático aos indivíduos que a adquire a partir da relação estabelecida com o meio ambiente em que vivem. A meta nessa relação é a sobrevivência física e subjetiva e que em cada época e período esse contexto passou por inúmeras transformações.

Por outro lado, os materiais empregados no processo de alisamento, como o sabugo de milho, proporcionaram bons resultados. As crianças se sentiram valorizadas na medida em que elementos trazidos por elas e que constituem o seu universo percebido foram utilizados amplamente e receberam uma conotação de importância para a concretização da atividade.

Tal metodologia se baseia em assertivas fenomenológicas de que a primeira experiência de aprendizagem da cri-

ança perpassa a sensação tátil. O corpo é um poder de expressão natural, é o veículo de ser e estar no mundo (Merleau-Ponty, 1999). Na manipulação da matéria há uma força-ação da mão que recebe uma resposta de resistência e força-concreta da matéria. Esse embate corporal é o momento em que a criação primordial se manifesta, na medida em que expressa o próprio domínio da natureza pelo homem. Nesse corpo-a-corpo há uma transformação tanto da matéria quanto da mão que a manipula pela tensão dupla interagindo aí. É nessa experiência que Bachelard (1970) vai dizer que a mão possui autonomia na criação, no enfrentamento dos desafios tangíveis do mundo concreto, arrebatada pelo poder de vontade e pela vontade do poder.

Essa força atuante na matéria é que, segundo Leroi-Gourhan (1964), cria o instrumento/objeto. Nesse mesmo sentido, Durand (2002) afirma que cada gesto implica, ao mesmo tempo, em uma matéria e uma técnica, o que faz emergir o material imaginário. A imaginação é o cerne da libertação.

O exercício de manipulação da matéria, motivando um movimento corporal, é a própria *poiésis* que conduz a uma *aesthésis*. Esse fenômeno foi vivenciado pelas crianças num ambiente de alegria e prazer. A sensação ao tocar a argila fria e viscosa no processo de transformação da matéria e do criador exigiu bastante concentração e persistência. Tal aprendizado por meio das sensações é vital para avivar a sensibilidade. Nessa exercitação dos sentidos, Merleau-Ponty (1999:84) afirma que "o sentir é esta comunicação essencial com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida".

⁸ Momento de enfrentamento com a materialidade que proporciona a emergência de imagens e de lembranças (Bachelard, 1989).



Escola Municipal Coronel Brás, 2004

A sensação é estética ao dar conta de um equilíbrio e um ritmo, tanto na gestualidade quanto na representação das imagens. Nesse momento, há uma interação com o mundo, de interiorização e apropriação, favorecendo a realização e a possibilidade de construção do fazer artístico. Criar é aprender, pois provoca uma reflexão sobre a ação, sobre o objeto e sobre a memória desse objeto. Tal fruição não é apenas treino de habilidades, uma vez que dependem dos conteúdos simbólicos.

Nesta perspectiva fenomenológica o mundo é aquilo que vivemos, que percebemos pelos sentidos na corporeidade. A compreensão desse mundo se dá no campo de intersecção, no qual minhas experiências se fundem com as dos outros. Nessa rede de experiências, que formam o UNO, a imaginação e o entendimento estão trama-dos.

O fenômeno estético é definido pela presença da noção de belo, do prazer sensorial, da alegria, do entusiasmo e da transformação. Podemos afirmar que essa atividade foi uma experiência estética, pois efetivou nas crianças uma manifestação de apreciação do que foi criado, proporcionando uma reelaboração das imagens que foram projetadas e transformadas durante a ma-

nipulação. Essa transformação, *catharsis*, na estrutura de seu universo percebido e construído foi fundamental para a disposição de apreensão de novos conhecimentos (Ferreira Santos, 1997).

Foi estabelecida uma relação afetual nessa ação, compondo pela prática o sensível e o conceito entre o "eu" e o "outro". A imagem é portadora de sentidos, é o ponto de partida na produção de uma poética visual própria. O olho orienta a mão. O homem aprende por meio dos sentidos. A sua capacidade criadora se dá por meio de sensações (Ibid).

3º Módulo: a queima



Escola Municipal Péricles Vieira Mendonça, 2004

Esse terceiro módulo é o prosseguimento do anterior fundado também no contato com a materialidade. Se no segundo módulo a sensação da terra e da água motivou a transformação da matéria mediada pelo corpo, aqui a transformação é física e natural. A experiência foi observar e sentir como a criação e a elaboração de idéias e sentimentos sofrem nessa mudança de um estado a outro. A obra criada por cada criança é uma parte constituinte de seu ser, morada de afetividades e motivações, extensão de sua própria corporeidade.



E. M. Péricles Vieira Mendonça, 2004

O fogo que aquece, coze, funde e transforma é motivado pelo ar que aviva, seca e limpa. Após a finalização da forma dos objetos, as obras passam pela secagem e são levadas à queima. Antes dessa ação, as crianças participaram de uma dinâmica, durante a qual expuseram a sua ligação com os objetos, narrando as afetividades depositadas naquilo que consideram como o bem mais precioso. Esse patrimônio palpável dos objetos e coisas é uma fração da subjetividade de cada um.

Numa situação hipotética, questionamos sobre a possibilidade de perda ou destruição desse patrimônio. As respostas foram unânimes sobre o sentimento que isso causaria em seu íntimo. O dano representa uma perda afetual. Esse exercício prévio é uma entrada para a compreensão dos resultados após a transformação física da matéria. O calor do fogo, a beleza das chamas e o crepitar da lenha despertaram para a percepção dos sons e dos sentidos. Sentido que vai estar presente

também na apreensão dos resultados da queima.

Uma parte considerável das peças colocadas na fogueira⁹, armada no pátio da própria escola, se fragmentou com o calor. Isso estava previsto na medida em que não há o domínio da técnica. Este aspecto foi um dos eixos trabalhados como aporte conceitual, entre os quais estão as habilidades de produção, conhecimento da matéria-prima e o método de confecção, alisamento, secagem e queima. A ênfase era para os recursos técnicos e as disposições obtidas ao longo da experiência com a materialidade e a própria existência no mundo. O objetivo era demonstrar a diversidade de culturas e de relação com o mundo natural em que as formas de sobrevivência são criadas e re-elaboradas numa dinâmica social contínua. Ao longo de toda a prática ressaltamos que o resultado não era o mais importante nessa experimentação estética e sim a vivência. Essa manifestação de emoção e de pertença cultural foi um ato de percepção e expressão do significado da vida.



Escola Municipal Péricles Vieira Mendonça, 2004

⁹ A exemplo do que ocorreu com a técnica de confecção da cerâmica obedecemos ao mesmo critério para a queima. Os recursos empregados para esse fim foram os encontrados pelas próprias crianças que levaram restos de madeiras, gravetos, jornais e papéis para a montagem da fogueira. Foi feito um pequeno buraco na terra, que forrada de jornais e pequenos gravetos, recebeu as peças cerâmicas que foram empilhadas e fechadas por gravetos e madeiras maiores. O monitor que acompanhou a atividade foi intervindo com as narrativas sobre as fogueiras rasas erigidas pelas populações indígenas que executam esse mesmo procedimento.

A *catharsis* provocou uma transformação nas crianças ao perceberem que o bem patrimonial é algo que diz respeito a cada uma delas. Na medida em que sentiram o esvaziamento pela perda dos objetos que se despedaçaram, entenderam o significado desse sentimento e as razões que regem a necessidade de preservação e conservação. Mais uma vez, o sensível se conjuga no conceito elaborado pelo entendimento que se entrelaçam numa teia de significados.

O sentimento é uma das vertentes da consciência, cuja predisposição para o afetual acolhe a inserção de novas experiências e conhecimentos. Há uma mudança na postura e na forma de se relacionar com o "outro". Essa descoberta de si no outro constitui o eixo fundamental para a existência do diálogo. O diálogo é a porta de entrada do conhecimento e da compreensão do ser no mundo.

Esse processo do fenômeno criativo possibilita segundo Ferreira Santos (1997), a emergência de uma sensibilidade e daí há uma abertura para a alteridade e o diálogo. Desse modo, a construção do modelo pedagógico de uma educação de sensibilidade deve abarcar o respeito ao indivíduo inserido na comunidade, cuidado para com a diversidade cultural, e atenção para o nível simbólico da expressão.

4º Módulo: o patrimônio arqueológico, histórico e cultural



Escola Municipal Péricles Vieira Mendonça, 2004

O quarto módulo encerra com a narrativa das crianças sobre as experiências vivenciadas e do sentido que isso representou na compreensão da atividade. As imagens produzidas na experiência com a materialidade foram vitais nesse momento. Aquele conhecimento relatado no início da oficina foi re-elaborado e organizado a partir de um estímulo sensorial. Um dos aspectos fundamentais nessa metodologia de trabalho foi a empatia gerada pela identificação com o conhecimento que estava sendo transmitido.

Após essa narrativa foi feita uma reflexão sobre o que vem a ser o Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural. Novamente ressaltamos que o Patrimônio físico não existe por si só, mas integra nesse corpus as informações da memória coletiva e dos saberes locais inscritos nas formas de representação das tradições culturais.



Escola Municipal Péricles Vieira Mendonça, 2004

O Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural é a materialização desses saberes e memórias da coletividade, principalmente por ser algo que pode ser observado, dado a sua existência concreta. Todavia, o conhecimento que este encerra não pode ser apreendido apenas pela visão. A subjetividade da criação humana requer uma compreensão dos motivos que conduziram à produção destas obras. Daí, que entender o Patrimônio como um bem de

interesse público não basta para mobilizar a sociedade, na medida em que esta desconhece o seu valor e a necessidade de preservá-lo. É em função disso, que aproximamos o patrimônio da realidade vivente das crianças, representantes de uma parcela considerável da população. O escopo da ação é a percepção, por meio de uma relação de afetividade, de que esse bem foi erigido por seus antepassados e que constituem, na verdade, o legado de uma parte fundamental de sua trajetória pessoal.

Em síntese, é a partir de uma experiência de criação que o homem se projeta no futuro, modificando o seu presente. Nesse sentido, Vygotsky (1998)

afirma que o fenômeno da criação humana não é apenas uma recordação de experiências vividas, mas uma re-elaboração da criatividade e que a partir daí há uma construção de novas realidades de acordo com as suas preferências e necessidades.

Essa identificação com o conhecimento provocou uma alteração no modo de ver e perceber as coisas e o mundo. Entendemos que isso não é um resultado fechado, mas apenas a primeira de uma série de intervenções de educação que pretende ampliar as suas ações abrangendo outros setores sociais e gerações, dinamizando a prática e suscitando novas discussões de âmbito teórico-metodológico.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. 1989. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes.
- 1970 *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- DURAND, G. 2001 *As estruturas antropológicas do imaginário*. SP: Martins Fontes.
- FERREIRA SANTOS, M. 1997. *O olho e a mão: educação e produção simbólica na compreensão mythodológica da sala de aula*. São Paulo: Instituto Butantan.
- 2001. Novas mentalidades e atitudes: diálogos com a velha educação de sensibilidade. *Jornal ASPASE*. São Paulo, 12 (92).
- LEROI-GOURHAN, A. 1964. *Le gest et la parole. La mémoire et les rythmes*. Paris: Albin Michel.
- LOURES OLIVEIRA, A.P.P.; MONTEIRO OLIVEIRA, L. 2001(a). Para uma etnografia dos saberes: as estratégias de ação do Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira. *Pesquisa Qualitativa: crianças e adolescentes em perspectiva. Documento Base do 1º Painel Interinstitucional de Investigação Qualitativa*. Juiz de Fora: UFJF/Siegen Universität.
- LOURES OLIVEIRA, A.P.P.; MONTEIRO OLIVEIRA, L. 2001(b). Patrimônio Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira. *Revista do Museu de Arqueologia do Xingó*. Sergipe: UFPE.
- MERLEAU-PONTY, M. 1970. *Elogio de la filosofía*. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión.
- 1990. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Campinas: Ed. Papirus.
- 1999. *A fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L.S. 1998. Arte e imaginação. In: *La imagination y el arte en la infancia*. Madrid: Biblioteca de Emayo/Ed. Akal.